

VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

GILBERTO FREYRE (1900-1987)

A mais significativa ocorrência cultural do ano em curso certamente foi o centenário de Gilberto Freyre. A imprensa de todo o país dele se ocupou largamente publicando numerosos artigos historiando sua vida, analisando sua obra e, mais ainda, a influência que ele exerceu no panorama cultural do país. Já foi dito que, em matéria de cultura no Brasil, pode-se falar em “antes” e “depois” do escritor pernambucano.

Estávamos concluindo o curso secundário (1933) quando apareceu **Casa Grande e Senzala**, saudado encomiasticamente como um marco profundamente significativo da cultura brasileira. Não nos sentimos suficientemente preparados para lê-lo. Só o fizemos dois ou três anos depois, à espera de melhor amadurecimento que nos tornasse em condições de usufruir de toda a grandeza e de todo o significado do livro.

Tanto quanto o texto, bastante alentado, interessou-nos o prefácio dessa primeira edição, aliás reproduzido em todas as outras edições. Inútil ler o livro sem esse prefácio. Nele, o autor informa não apenas o porque de o haver escrito, como (e principalmente) a técnica que empregou e o material que utilizou. Fontes preciosas eram pela primeira vez (este, um dos grandes pioneirismos de Gilberto Freyre) usadas na pesquisa histórica. Desnecessário dizer o quanto isto abriu perspectivas novas para os estudos de história social.

“Casa Grande e Senzala”, no qual o autor estudou a sociedade patriarcal do Nordeste, teve prosseguimento com “Sobrados e Mucambos”, que trata da decadência do patriarcado rural e do desenvolvimento urbano no Brasil do século XIX. Este apareceu em 1936 e foi consideravelmente aumentado para posteriores edições.

À margem do grande tema dos seus primeiros livros, mestre Gilberto produziu uma obra imensa, que atinge dezenas de volumes. Além dos mencionados, guardamos nossas preferências por mais três obras da produção gilbertiana, tanto quanto as primeiras, modelares exemplos de pesquisa: “Nordeste”, no qual se estuda a influência da cana-de-açúcar na paisagem humana e social da região; “Ingleses no Brasil”, em que se estuda - como o título o indica - a influência inglesa na vida brasileira, não apenas na economia, mas igualmente na cultura, na política e na sociedade; e “Um engenheiro francês no Brasil”, em que o autor analisa particularmente a influência de Vauthier em Pernambuco.

Tão grande quanto a obra que escreveu foi a influência que exerceu sobre a nova geração de sociólogos, antropólogos e historiadores do Nordeste, todos eles, uns mais outros menos - sofrendo a poderosa marca do mestre. Para estímulo desses novos foi que fundou no Recife o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, ora transformado na Fundação Joaquim Nabuco, que constitui inegavelmente o maior centro de pesquisas existente no Brasil, na área das ciências sociais, como o demonstram os importantes trabalhos que tem publicado. Instituição que tem a dirigi-la atualmente Leonardo Dantas Silva, assíduo colaborador desta publicação.

Dos muitos que se ocuparam de Gilberto Freyre nas publicações relativas ao seu centenário, permitimo-nos destacar um trecho do depoimento de Milton Santos, do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo:

“A obra de Gilberto Freyre representa para mim um grande choque porque constituía uma forma inédita de representação da sociedade brasileira na qual ela aliava metodologia científica a um estilo literário. Pessoas da minha geração viam nessa obra uma espécie de modelo, espelho, e de alguma forma era uma fonte de inspiração. A moçada que estava entrando no mundo intelectual procurava imitá-lo, pela poesia do texto, além da vontade de interpretar o País. Também teve grande influência por meio do Instituto Joaquim Nabuco, que estimulou estudos da realidade do Brasil partindo do regional, sendo um dos primeiros órgãos a incentivar a pesquisa.

O que ficou de Gilberto Freyre foi a vontade de retratar o País. Havia grande busca de entendimento da construção intelectual da identidade nacional. Existia, até então, um grande veio paulista centrado

na economia; já Gilberto Freyre, nordestino, também se preocupava com a cultura e regionalidade, assim como Jorge Amado, José Lins do Rego, entre outros. Ele criou, de alguma maneira, uma escola que abriu espaço para a reinterpretação do Brasil”. (“O Estado de S. Paulo”, 12-3-2000).

BIBLIOGRAFIA

Gilberto Freyre escreveu muito, não sendo fácil o levantamento completo do que saiu de sua lavra. É possível que ao ensejo de seu centenário tal tarefa tenha sido realizada, para o enriquecimento da bibliografia brasileira. O que arrolamos a seguir é apenas o que é de nosso conhecimento, obviamente incompleto. Muitos de seus livros alcançaram diversas edições e mereceram traduções para várias línguas. Por outro lado, muitos de seus trabalhos menores (opúsculos) foram reunidos para a formação de novos volumes e nem sempre nos foi possível acompanhar essa transição. Suas obras mais importantes integraram coleções renomadas, como a “Documentos Brasileiros” (José Olympio) e a “Brasílica” (Editora Nacional). De muitas não temos indicações de editoria, eis porque mencionamos apenas o local e a data da publicação. Nossas fontes principais foram a edição de Brasília de **Casa Grande & Senzala** (1963) e o **Dicionário Literário Brasileiro**, de Raimundo de Menezes (1978). Para o que se publicou posteriormente, não tivemos condições para um arrolamento completo.

Para uma melhor apreciação da obra freyriana, especialmente suas “obras fundamentais”, julgamos oportuno, com a devida vênua, transcrever antes trecho do excelente artigo da Professora Elide Rugai Bastos, do Departamento de Ciências Sociais da Unicamp, “O eterno presente da obra de Gilberto Freyre” estampado em “O Estado de S. Paulo”, de 12 de março do corrente ano, em caderno especial evocativo do centenário do eminente sociólogo e historiador pernambucano.

OBRAS FUNDAMENTAIS

Elida Rugai BASTOS

É possível reconhecer três diferentes fases na obra freyriana: a primeira, de 1918 a 32, composta por artigos de jornais, pelos ensaios do

Livro do Nordeste, organizado em comemoração do centenário do “Diário de Pernambuco” e pela tese de 1921, defendida em Columbia, **Vida social no Brasil em meados do século XIX**; a segunda, sem dúvida a mais importante, de 1933 a 45, compreendendo a trilogia **Casa Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos e Nordeste**, os guias de Recife e Olinda e **Interpretação do Brasil**, publicada originalmente em inglês em 47, como resultado de um curso pronunciado na Universidade de Indiana em 1944; a terceira, que vai de 46, momento em que participa como deputado federal da Assembléia Constituinte, até seus últimos escritos de 87, compreende os discursos políticos. **Aventura e Rotina, Ingleses no Brasil, Novo Mundo nos Trópicos, Ordem e Progresso, Além do apenas Moderno**, as obras com finalidades didática e explicativas de seu trabalho, **Sociologia, Ensaios de Antropologia, a Introdução** à segunda edição de **Sobrados e Mucambos, Como e porque sou e não sou sociólogo**. Assinalo apenas alguns de seus textos, deixando de lado inúmeros deles. Neles busco as linhas explicativas e os eixos centrais.

Considerada como conjunto podemos reconhecer dois planos da concepção da obra: um temporal e outro temático. Os temas principais ganham organicidade e unidade reflexiva nos escritos de 30, embora já se antecipem nos textos da primeira fase. No plano temporal, Freyre concebe como uma unidade os livros **Casa Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos e Ordem e Progresso**, dando ao conjunto, na década de 50, a denominação **Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil**. Analisa nesses textos a formação do povo brasileiro enfocando, no primeiro, os períodos pré-nacional e colonial; o segundo abarca desde a transição operada pela vinda da corte portuguesa até o fim do Segundo Império; no terceiro, dedica-se à transição Império/República estendendo sua análise até meados da década de 20, Assinale-se que Freyre tem uma especial visão do tempo - o tempo tribal, de origem orteguiana - onde passado, presente e futuro são concebidos como imbricados. Assim, mesmo estabelecendo um corte temporal restrito, por exemplo o século XIX, trabalha com documentos localizados indiferentemente nos vários momentos da história. Esse tempo articulado se realiza em um específico lugar: o Nordeste. Para ele o tempo é espacial.

No plano temático podemos considerar um outro arranjo dos textos, independente das intenções do autor em que figuram os dois

primeiros livros, sendo o terceiro substituído por **Nordeste**. Sua concepção histórica da sociedade brasileira funda-se na correlação de três elementos: o patriarcalismo, a interrelação etnias/cultura e o trópico. O resultado analítico dessa articulação é a proposta de três teses que ancoram sua compreensão da sociedade brasileira. Primeiramente, a da existência entre nós de uma democracia racial, produto da especial ligação entre etnias e culturas, argumento central de **Casa Grande & Senzala**. A segunda, que afirma ter sido o patriarcado uma sabedoria na ordenação da sociedade pretérita, que o torna elemento sustentador da ordem social e política no Brasil, papel válido não apenas para o passado, reflexão central em **Sobrados e Mucambos**. A terceira, a da relação existente entre região e tradição, definindo o lugar e o papel do regionalismo na configuração da unidade nacional; mais que isso, ao resgatar os valores regionais/tradicionais, mostra que o modernismo universalizador que os apaga pode vir a destruir o sentido contemporizador que existe em seu seio. É o núcleo argumentativo de **Nordeste**.

Levando em consideração os eixos temporal e temático, podemos entender como se completam, no autor, os argumentos sobre a transição e a conciliação. Já apontamos que a transição de uma fase da vida nacional a outra tem lugar central na obra de Gilberto Freyre. Creio que o ponto nuclear de sua análise sobre essa temática esteja em demonstrar que as mudanças, no Brasil, se dão sem rupturas que afetem a estrutura da sociedade. Isto é, elementos do passado sobrevivem no presente, tradição e modernidade se articulam. Através do estudo do cotidiano dos grupos sociais - costumes, atitudes, relações pessoais, modo de organização da vida doméstica ou pública, manifestações culturais - procura mostrar a permanência dos usos que fundam tradicionalmente as relações sociais.

ELENCO BIBLIOGRÁFICO

- Social Life in Brazil in the middle of the 19th century. Baltimore, 1922
 Apologia pro generatione sua. Paraíba, 1924.
- A propósito de Dom Pedro II. Recife, 1925 (Incluído em "Perfil de Euclides e outros perfis).
- Bahia de Todos os Santos e de quase todos os pecados. Recife, 1926.

- Casa Grande & Senzala. Rio, Schmidt, 1933.
- O estudo das ciências sociais nas universidades americanas. Recife, 1934.
- Uma cultura ameaçada. Recife, 1940. (Incluído em "O mundo que o português criou).
- Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife. Rio, José Olympio, 1942.
- Sobrados e Mucambos. São Paulo, Editora Nacional, 1936. Col. "Brasíliana", v. 64.
- Conferências na Europa. Rio, 1938.
- Açúcar. Rio, 1939.
- Olinda: Segundo Guia Prático, Histórico e sentimental de cidade brasileira. Recife, 1939.
- Um engenheiro francês no Brasil. Rio, 1940.
- Diário íntimo do Engenheiro Vauthier (prefácio e notas). Rio, SPHAN, 1940.
- Memórias de um Cavalcanti (prefácio). São Paulo, 1940. Reed. 1959 com o título "O velho Felix e suas memórias de um Cavalcanti".
- O mundo que o português criou. Rio, 1940. José Olympio, Col. "Documentos Brasileiros".
- Região e Tradição. Rio, José Olympio, 1941. Col. "Documentos Brasileiros".
- Problemas brasileiros de antropologia. Rio, 1943.
- Perfil de Euclides e outros perfis. Rio, 1944.
- Sociologia, Rio, 1945.
- Interpretação do Brasil. Rio, José Olympio, 1947. Col. "Documentos Brasileiros".
- Ingleses no Brasil. Rio, José Olympio, 1948. Col. "Documentos Brasileiros".
- Quase política. Rio, 1950.
- Um brasileiro em terras portuguesas. Rio, 1953.
- Aventura e Rotina. Rio, 1953.
- Ordem e Progresso. Rio, José Olympio, 1959. Col. "Documentos Brasileiros".
- O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX. Rio, 1963 Reed. na Col. "Brasíliana", 1973.
- Nós e a Europa germânica. Rio, 1971.